



revistafidelidade@terra.com.br • ano VI • Agosto/2008 • nº 71 • R\$ 5,00

Revista

Fidelidad**ESPÍRITA**

CIÊNCIA E ESPIRITISMO



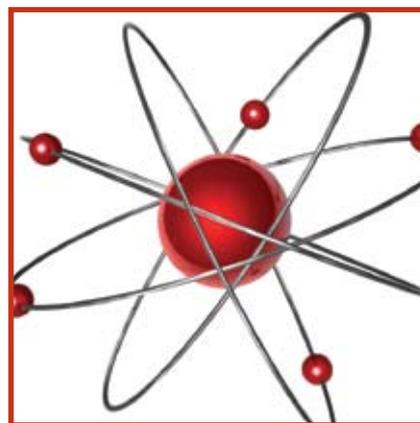
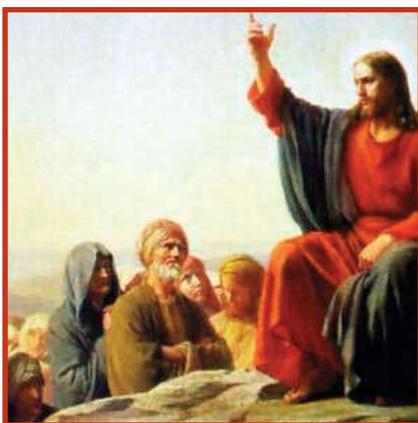
A
Revista que
se **Responsabiliza**
Doutrinariamente
pelos Textos Publicados

Sumário



4 CHICO

SIGNIFICADO DE "LUZ ACIMA"
Título do livro de Humberto de Campos



14 CAPA

CIÊNCIA E ESPIRITISMO

6 ENSIMANENTO

INFLUÊNCIA DOS ESPÍRITOS NOS
ACONTECIMENTOS DA VIDA
Esclarecimento de Allan Kardec

9 ESTUDO

FÉ - A SUBSTÂNCIA DA ESPERANÇA
A história de fé de um centurião romano

12 MEDIUNIDADE

DIRETRIZES DE SEGURANÇA
Questões sobre mediunidade

22 REFLEXÃO

CONTÁGIO DO AMOR
A humanização na Casa Espírita

23 ESCLARECIMENTO

A CONFISSÃO E COMUNHÃO DOS CRISTÃOS
Os significados de confessar e comungar com Jesus

PRÓXIMA EDIÇÃO

DIÁLOGO COM OS ESPÍRITOS



26 COM TODAS AS LETRAS

PENALIZAR NÃO SIGNIFICA PUNIR
Importantes dicas da nossa língua portuguesa

EDITORIAL

 **N**um determinado trato de terra, desde que haja condições adequadas, poderão nascer tanto a flor que balsamiza e embeleza quanto a canícula que sufoca e prejudica.

A escolha entre uma coisa e outra dependerá da postura do cultivador no zelo por aquilo que lhe foi confiado.

Assim como o solo comum, a faculdade mediúcnica é neutra. Dela pode brotar tanto a verdade que esclarece e consola quanto a mentira que confunde e desvirtua.

A escolha entre uma coisa e outra dependerá da postura do mediano, no zelo com o próprio mundo interior.

Quem semeia, colhe.

Aquele que pensa, sintoniza.

Assim como os resultados da lavoura estão diretamente ligados às sementes escolhidas para fecundar o solo, em mediunidade, a opção pela verdade ou a mentira dependerá dos pensamentos que se cultivam por dentro.

A vaidade gera a mistificação.

A vigilância desabrocha o esclarecimento.

O orgulho faz brotar o engodo.

A humildade germina a consolação.

A ambição desenvolve a farsa.

A ética frutifica o equilíbrio.

Por isso, na prática mediúcnica, aprende a observar-te interiormente.

Examina o que pretendes para avaliar o que podes obter.

Se ofereces terreno fértil às sementes do equívoco, colherás fracasso e decepção.

Entretanto, se cultivas o psiquismo com a enxada da disciplina, o adubo da fé e a água viva do Evangelho, então obterás o amor que alimenta e a paz que plenifica.

Pensa nisso, a fim de ofereceres condições favoráveis à mediunidade que gera bons frutos.

E se, por ventura, desconfiares que o joio se esconde disfarçado entre o trigo, não hesites em recusar os frutos da precipitação.

Será melhor que esperes um pouco mais, com a garantia de que os frutos vindouros nascerão da verdade cultivada em tua alma.

Augusto

LEVY, Clayton. *Mediunidade e Autoconhecimento*.

CEAK. 2003

Edição

Centro de Estudos Espíritos
"Nosso Lar" – Depto. Editorial

Jornalista Responsável

Renata Levantesi (Mtb 28.765)

Projeto Gráfico

Fernanda Berquó Spina

Revisão

Zilda Nascimento

Administração e Comércio

Elizabeth Cristina S. Silva

Apoio Cultural

Braga Produtos Adesivos

Impressão

Citygráfica

O Centro de Estudos Espíritos "Nosso Lar" responsabiliza-se doutrinariamente pelos artigos publicados nesta revista.

FALE CONOSCO

revistafidelidade@terra.com.br
(19) 3233-5596

ASSINATURAS

Assinatura anual: R\$45,00
(Exterior: US\$50,00)

FALE CONOSCO ON-LINE

CADASTRE-SE NO MSN
E ADICIONE O NOSSO ENDEREÇO:

atendimentorevistafidelidade@hotmail.com



Centro de Estudos Espíritos "Nosso Lar"

Rua Luís Silvério, 120 – Vila Marieta 13042-010 Campinas/SP
CNPJ: 01.990.042/0001-80 Inscr. Estadual: 244.933.991.112

Significado de “Luz Acima”

por Suely Caldas Schubert

 26-2-1948

“(...) Os esclarecimentos que, por bondade, me deste com respeito à União Fed. Esp. Paulista muito me confortaram. O movimento que conseguiu é muito animador.

O “Luz Acima”, na opinião de Emmanuel, tem duas significações distintas. Para os estudiosos de visão mais larga constitui ascensão dentro da claridade, que é sempre mais leve, diáfana e brilhante à medida que o homem se eleva. A rigor, o título representa “subida através da luz”. Mas para a mente do estudioso menos apto ao simbolismo das expressões sublimes, é “luz acima do alquidat”. É conhecimento evangélico posto acima de convenções e conveniências humanas, à disposição de todos. Não sei se pude explicar-te, como desejava.

Muito reconfortante a notícia que me envias, com referência ao grupo do nosso Ismael. Jesus permita que o nosso amigo, detentor de tão importante processo com o Governo, possa atingir a vitória que bem merece. Trata-se de um homem laborioso, realizador e bom. E a vitória dele é o triunfo justo do nosso Ismael que tanto tem sofrido e batalhado.

(...) Calor estafante, boas lutas, muito trabalho e fé viva, são o nosso precioso cardápio, por felicidade nossa. Com a ajuda do Alto, vamos vencendo. (...)”

“Luz Acima”: Humberto de Campos, ao colocar esse título no seu mais novo livro, pretende dar-lhe dupla significação, que pudesse abranger os dois estágios principais que caracterizam o encontro com a Verdade – o encontro com a Luz.

No primeiro estágio, a luz é desvelada e colocada sobre o alqueire para que ilumine ao seu redor, possibilitando os passos iniciais no conhecimento da Verdade. Segundo a explicação de Emmanuel, “é conhecimento evangélico posto acima das convenções e conveniências humanas, à disposição de todos”. Nesse caso a luz está em cima.

O segundo estágio representa “ascensão dentro da claridade, que é sempre mais leve, diáfana e bri-



lhante à medida que o homem se eleva. A rigor, o título representa *subida através da luz*”.

Emmanuel, ao escrever, em 1956, o livro “Fonte Viva”, demonstra claramente esses dois estágios, na página “Ante a luz da Verdade”. Ele diz:

“Não seremos libertados pelos “aspectos da verdade” ou pelas “verdades provisórias” de que sejamos detentores no círculo das afirmações apaixonadas a que nos inclinemos.

Muitos, em política, filosofia, ciência e religião, se afeiçoam a certos ângulos da verdade e transformam a própria vida numa trincheira de luta desesperada, a pretexto de defendê-la, quando não passam de prisioneiras do “ponto de vista”.

Muitos aceitam a verdade, estendem-lhe as lições, advogam-lhe a causa e proclamam-lhe os méritos, entretanto, a verdade libertadora é aquela que conhecemos na atividade incessante do Eterno Bem.

Penetrá-la é compreender as obrigações que nos competem.

Discerni-la é renovar o próprio entendimento e converter a existência num campo de responsabilidade para com o *melhor*.

Só existe verdadeira liberdade na submissão ao dever fielmente cumprido.

Conhecer, portanto, a verdade é perceber o sentido da vida.

E perceber o sentido da vida é crescer em serviço e burilamento constantes.

Observa, desse modo, a tua posição diante da Luz (“Fonte Viva”, cap. 173, 13ª ed. FEB.)

É nesse momento – de crescente atividade no Bem e conseqüente burilamento interior, em que se inicia a transformação íntima, percebido, afinal, o sentido real da vida – que começa a *subida através da luz*.

Só existe verdadeira liberdade na submissão ao dever fielmente cumprido. Conhecer, portanto, a verdade é perceber o sentido da vida.

O próprio Humberto de Campos, ao escrever o prefácio de “Luz

Acima”, que está datado de 14 de dezembro de 1947, diz no trecho final, mostrando essa opção definitiva:

“Nos conflitos ideológicos da atualidade, as forças perturbadoras do ódio e da separatividade conclamam, enfurecidas, em todas as direções:

– Regressemos à barbárie! desçamos às trevas!...

Mas, atentos à celeste plataforma, os verdadeiros cristãos de todas as escolas e de todos os climas, de almas unidas em torno do Mestre, repetem, contemplando os clarões do mundo futuro:

– Luz acima! Luz acima!...”

Fonte:

SCHUBERT, Suely Caldas. *Testemunhos de Chico Xavier*. Págs. 210 - 212. Feb. 1998.

Influência dos Espíritos nos Acontecimentos da Vida

por Allan Kardec



525. Exercem os Espíritos alguma influência nos acontecimentos da vida?

“Certamente, pois que vos aconselham.”

a) - Exercem essa influência por outra forma que não apenas pelos pensamentos que sugerem, isto é, têm ação direta sobre o cumprimento das coisas?

“Sim, mas nunca atuam fora das leis da Natureza.”

Imaginamos erradamente que aos Espíritos só caiba manifestar sua ação por fenômenos extraordinários. Quiséramos que nos viessem auxiliar por meio de milagres e os figuramos sempre armados de uma varinha mágica. Por não ser assim é que oculta nos parece a intervenção que têm nas coisas deste mundo e muito natural o que se executa com o concurso deles.

Assim é que, provocando, por exemplo, o encontro de duas pessoas, que suporão encontrar-se por acaso; inspirando a alguém a idéia de passar por determinado lugar; chamando-lhe a atenção para certo ponto, se disso resulta o que tenham em vista, eles obram de tal maneira que o homem, crente de que obedece a um impulso próprio, conserva sempre o seu livre-arbítrio.

526. Tendo, como têm, ação sobre a matéria, podem os Espíritos provocar certos efeitos, com o objetivo de que se dê um acontecimento? Por exemplo: um homem tem que morrer; sobe uma escada, a escada se quebra e ele morre da queda. Foram os Espíritos que quebraram a escada, para que o destino daquele homem se cumprisse?

“É exato que os Espíritos têm ação sobre a matéria, mas para cumprimento das leis da Natureza, não para as derrogar, fazendo que, em dado momento, ocorra um sucesso inesperado e em contrário àquelas leis. No exemplo que figuraste, a escada se quebrou porque se achava podre, ou por não ser bastante forte para suportar o peso de um homem.

Se era destino daquele homem perecer de tal maneira, os Espíritos lhe inspirariam a idéia de subir a escada em questão, que teria de quebrar-se com o seu peso, resultando-lhe daí a morte por um efeito natural e sem que para isso fosse mister a produção de um milagre.”

527. Tomemos outro exemplo, em que não entre a matéria em



seu estado natural. Um homem tem que morrer fulminado pelo raio. Refugia-se debaixo de uma árvore. Estala o raio e o mata. Poderá dar-se tenham sido os Espíritos que provocaram a produção do raio e que o dirigiram para o homem?

“Dá-se o mesmo que anteriormente. O raio caiu sobre aquela árvore em tal momento, porque estava nas leis da Natureza que

assim acontecesse. Não foi encaminhado para a árvore, por se achar debaixo dela o homem. A este, sim, foi inspirada a idéia de se abrigar debaixo de uma árvore sobre a qual cairia o raio, porquanto a árvore não deixaria de ser atingida, só por não lhe estar debaixo da fronde o homem.”

528. No caso de uma pessoa mal intencionada disparar sobre outra um projétil que apenas lhe passe perto sem a atingir, poderá ter sucedido que um Espírito bondoso haja desviado o projétil?

“Se o indivíduo alvejado não tem que perecer desse modo, o Espírito bondoso lhe inspirará a idéia de se desviar, ou então poderá ofuscar o que empunha a arma, de sorte a fazê-lo apontar mal, porquanto, uma vez disparada a arma, o projétil segue linha que tem de percorrer.”

529. Que se deve pensar das balas encantadas, de que falam algumas lendas e que fatalmente atingem o alvo?

“Pura imaginação. O homem gosta do maravilhoso e não se contenta com as maravilhas da Natureza.”

a) - Podem os Espíritos que dirigem os acontecimentos terrenos ter obstada sua ação por Espíritos que queiram o contrário?

“O que Deus quer se executa. Se houver demora na execução, ou lhe surjam obstáculos, é porque Ele assim o quis.”

530. Não podem os Espíritos levianos e zombeteiros criar pequenos embaraços à realiza-

ção dos nossos projetos e transformar as nossas previsões? Serão eles, numa palavra, os causadores do que chamamos pequenas misérias da vida humana?

“Eles se comprazem em vos causar aborrecimentos que representam para vós provas destinadas a exercitar a vossa paciência. Cansam-se, porém, quando vêem que nada conseguem. Entretanto, não seria justo, nem acertado, imputar-lhes todas as decepções que experimentais e de que sois os principais culpados pela vossa irreflexão. Fica certo de que, se a tua louça se quebra, é mais por desazo teu do que por culpa dos Espíritos.”

a) - Destes, os que provocam contrariedades obram impelidos por animosidade pessoal, ou assim procedem contra qualquer, sem motivo determinado, por pura malícia?

“Por uma e outra coisa. Às vezes os que assim vos molestam são inimigos que granjeastes nesta ou em precedente existência. Doutras vezes, nenhum motivo há.”

531. Extingue-se-lhes com a vida corpórea a malevolência dos seres que nos fizeram mal na Terra?

“Muitas vezes reconhecem a injustiça com que procederam e o mal que causaram. Mas, também, não é raro que continuem a perseguir-vos, cheios de animosidade, se Deus o permitir, por ainda vos experimentar.”

a) - Pode-se pôr termo a isso? Por que meio?

“Podeis. Orando por eles e lhes ▶



retribuindo o mal com o bem, acabarão compreendendo a injustiça do proceder deles. Demais, se souberdes colocar-vos acima de suas maquinações, deixar-vos-ão, por verificarem que nada lucram.”

A experiência demonstra que alguns Espíritos continuam em outra existência a exercer as vinganças que vinham tomando e que assim, cedo ou tarde, o homem paga o mal que tenha feito a outrem.

532. Têm os Espíritos o poder de afastar de certas pessoas os males e de favorecê-las com a prosperidade?

“De todo, não; porquanto, há males que estão nos decretos da Providência. Amenizam-vos, porém, as dores, dando-vos paciência e resignação.

“Ficai igualmente sabendo que de vós depende muitas vezes poupar-vos aos males, ou, quando menos, atenuá-los.

A inteligência, Deus vo-la outorgou para que dela vos sirvais e é principalmente por meio da vossa inteligência que os Espíritos vos auxiliam, sugerindo-vos idéias propícias ao vosso bem. Mas, não assistem senão os que sabem assistir-se a si mesmos. Esse o sentido destas palavras: Buscai e achareis, batei e se vos abrirá.

“Sabei ainda que nem sempre é um mal o que vos parece sê-lo. Frequentemente, do que considerais um mal sairá um bem muito maior. Quase nunca compreendeis isso, porque só atentais no momento presente ou na vossa própria pessoa.”

533. Podem os Espíritos fazer

que obtenham riquezas os que lhes pedem que assim aconteça?

“Algumas vezes, como prova. Quase sempre, porém, recusam, como se recusa à criança a satisfação de um pedido inconsiderado.”

a) - São os bons ou os maus Espíritos que concedem esses favores?

“Uns e outros. Depende da intenção. As mais das vezes, entretanto, os que concedem são os Espíritos que vos querem arrastar para o mal e que encontram meio fácil

Sabei ainda que nem sempre é um mal o que vos parece sê-lo. Frequentemente, do que considerais um mal sairá um bem muito maior

de o conseguirem, facilitando-vos os gozos que a riqueza proporciona.”

534. Será por influência de algum Espírito que, fatalmente, a realização dos nossos projetos parece encontrar obstáculos?

“Algumas vezes é isso efeito da ação dos Espíritos; muito mais vezes, porém, é que andais errados na elaboração e na execução dos

vossos projetos. Muito influem nesses casos a posição e o caráter do indivíduo. Se vos obstinais em ir por um caminho que não deveis seguir, os Espíritos nenhuma culpa têm dos vossos insucessos. Vós mesmos vos constituís em vossos maus gênios.”

535. Quando algo de venturoso nos sucede é ao Espírito nosso protetor que devemos agradecer-lo?

“Agradecei primeiramente a Deus, sem cuja permissão nada se faz; depois aos bons Espíritos que foram os agentes da sua vontade.”

a) - Que sucederia se nos esquecêssemos de agradecer?

“O que sucede aos ingratos.”

b) - No entanto, pessoas há que não pedem nem agradecem e às quais tudo sai bem!

“Assim é, de fato, mas importa ver o fim. Pagarão bem caro essa felicidade de que não são merecedores, pois quanto mais houverem recebido, tanto maiores contas terão que prestar.”

Fonte:

Kardec, Allan. *O Livro dos Espíritos*. Págs. 267 - 272. Feb. 1981.

FÉ - a substância da Esperança

por João Marcus (Pseudônimo de Hermínio C. Miranda)

Embora com ligeiras variações, tanto Mateus como Lucas narram, em substância, a mesma história do centurião romano, um dos mais tocantes episódios dos tempos evangélicos. Ambos colocam o incidente logo após o famoso Sermão do Monte, quando Jesus entrava em Cafarnaum.



Mateus conta que o centurião foi pessoalmente ao Mestre, enquanto Lucas diz que o romano enviou-lhe uma delegação de anciãos judeus para formularem o pedido. Ambos, porém, deixam entrever que o soldado não estava preocupado com a perda do seu criado e sim realmente penalizado diante da dor que o pobre estava sofrendo com a sua paralisia. Jesus prontamente sentiu a sinceridade do homem e se propôs a curar o servo doente:

– Eu irei e o curarei – diz, segundo Mateus.

Lucas narra que ele se achava a caminho da casa do centurião quando este lhe mandou a mensagem que constitui a essência do episódio:

– Senhor, eu não sou digno de que entres em minha casa. Por isso, nem mesmo me achei digno de ir procurar-te. Dize, porém, uma só palavra e meu criado ficará bom.

Contam os evangelistas que o romano prosseguiu dizendo que, como soldado, ele tinha superiores hierárquicos a quem obedecia, tanto quanto subordinados, aos quais

bastava dar uma ordem para que a cumprissem.

A leitura de Lucas nos esclarece que, embora fazendo parte do exército invasor que trazia a Palestina subjugada a César, o centurião era estimado entre os judeus – “é amigo de nossa gente e ele mesmo nos fundou uma sinagoga”, disseram os velhos. Extraordinário homem, esse bom centurião, tolerante para com os oprimidos ao ponto de granjear-lhes a simpatia e até fundar-lhes uma sinagoga.

Na sua aguda percepção, Jesus

deve ter notado de imediato os méritos do homem tanto quanto a sinceridade do seu pedido em favor do criado doente. Mas, o que mais fundo tocou o coração do Mestre foi a fé que ele demonstrou no jovem profeta de Israel e no seu Deus, tão diferente dos deuses pagãos.

Vale a pena desenhar mais nitidamente o quadro para alcançarmos bem toda a grandeza do incidente.

A Palestina sempre foi uma espécie de encruzilhada do mundo. Por ali passaram com freqüência os grandes conquistadores, em busca das riquezas lendárias do oriente. Por isso, Will Durant escreve que o povo judeu teve a sua história tumultuada, por tentar viver no meio de uma estrada movimentada.

Depois de Alexandre, cujo vulto já desaparecera na poeira dos séculos, vieram os romanos que, desde o ano 63 antes do Cristo, começaram a interferir nos negócios políticos dos judeus, ao tempo de Pompeu. A dominação total não tardaria, com a invasão e a ocupação e todo o seu cortejo de pressões e crueldades, que eram duros os tempos e o coração dos homens.

Emmanuel nos conta — em “Paulo e Estêvão” — as aflições que delegados romanos prepotentes impuseram à família daquele que seria o primeiro mártir do Cristianismo.

Não é de admirar-se, pois, que o povo de Israel suspirasse pelo Messias que, segundo a letra das profecias, viria em todo o seu poder e majestade, para expulsar os romanos e restabelecer na terra sagrada o governo livre do estado judaico.

Roma era onipresente na Palestina, na figura dos soldados quase

sempre impiedosos, agentes do César distante, temido e odiado. Eram eles o símbolo daquele poder esmagador que extraía impostos elevados de um povo empobrecido, sufocava em sangue e lágrimas os anseios de liberdade, confiscava bens e profanava as ruas e até os templos com imagens e figuras que os livros sagrados proibiam taxativamente.

E, pois, digno de respeito, um comandante romano que tenha

E mais notável ainda que tenha tido a corajosa humildade de solicitar a ajuda de Jesus para salvar um servo modesto



conquistado as boas graças do povo esmagado. E mais notável ainda que tenha tido a corajosa humildade de solicitar a ajuda de Jesus para salvar um servo modesto, figura social que naqueles tempos áspers se colocava pouco acima do mendigo. É surpreendente que tenha levado tão alto o seu respeito pelo jovem pregador que nem mesmo a sua casa achou-a digna de recebê-lo. Podemos presumir que sua residência fosse bem melhor que a maioria das casas ocupadas pelos próprios judeus. Os invasores sempre tomam para si o que há de melhor. Acima de tudo, porém, o que ressalta deste episódio, tão profundamente humano, é a fé que o romano demonstrou em Jesus, a ponto de não achar nem mesmo necessário que ele viesse ver o servo doente; bastaria — como bastou — o poder do pensamento e da vontade daquele doce profeta da paz.

Até mesmo Jesus se admirou daquela demonstração inesperada. Voltou-se para os que o seguiam para exaltar o gentio, pois que “nem em Israel” achara tamanha fé. Segundo Mateus, Jesus aproveitou mesmo a oportunidade para conclamar a universalidade do seu pensamento, exatamente porque se baseava em conceitos que atraíam tanta gente, mesmo fora dos círculos judaicos: “Digo-vos, porém, que virão muitos do oriente e do ocidente e se assentarão à mesa com Abraão e Isaac e Jacó no reino dos céus, mas os filhos do reino serão lançados nas trevas exteriores; ali haverá choro e ranger de dentes” (Mat. 7, vv. 11 e 12),

Ao que parece, o Mestre previa, nessa passagem, que incontáveis multidões não-israelitas haveriam de aderir à sua doutrina, enquanto

que os judeus que não cumprissem a lei de Deus seriam precipitados nas trevas de suas próprias angústias. Sua doutrina era, assim, para todos, como muito bem o entendeu Paulo, pouco depois. Não seria mais uma seita judaica; era uma nova filosofia de vida para todos os povos da Terra. O suporte básico dessa pregação era a fé.

— Vai — disse ao centurião — e faça-se segundo tu creste.

Os séculos escorreram lentamente sobre a cena de Cafarnaum e o conceito singelo e profundo da fé passou por muitas alterações e distorções. Achava Paulo que a fé salvava o justo (Epístola aos Romanos). Entendeu Lutero, apoiado nesse mesmo pensamento pauliniano, que somente a fé era capaz de salvar, de nada adiantando as nossas intenções e as nossas obras. A fé sozinha cobriria as nossas iniquidades e imperfeições, levando-nos sãos e salvos ao reino de Deus.

Na Idade Média, trágica época de obscurantismo e intolerâncias, a fé adquirira a rigidez cadavérica dos dogmas, esquecida de suas origens e da sua finalidade. Quiseram proclamar que somente um caminho havia para Deus e quem não quisesse trilhar aquela vereda deveria morrer o quanto antes, para não contaminar o resto do rebanho.

As primeiras tentativas de racionalizar a fé, na altura do século 12, levaram Abelardo à desgraça e ao opróbrio, quando se levantou em defesa da Igreja a voz de Bernardo. A fé não era para ser discutida, nem racionalizada, nem submetida aos esquemas frios da filosofia e da lógica. Tudo a ela se subordinava, até mesmo a filosofia. Qualquer

raciocínio que contrariasse uma questão de fé era imediatamente rotulado de heresia e tenazmente combatido. Os homens tinham de renunciar à tentativa de reconciliar razão e fé. Nada tinha a ver uma com a outra; eram ramos autônomos do pensamento e nos pontos em que se chocavam tinham de predominar, necessariamente, sem discussão, os postulados da fé, tal como a entendiam os teólogos. O homem tinha que crer não só quando o dogma era absurdo, mas exatamente porque era absurdo, pois a fé alcançava onde a razão se recusava a chegar.

Mas que era a fé? Paulo tentara a sua definição. Diz o grande apóstolo, no capítulo 11, versículo 1º, da Epístola aos Hebreus, que a fé é a substância das coisas que se esperam e a evidência das coisas que não se vêem.

Muito se tem dito depois de Paulo a respeito da fé, mas acho que jamais se disse tão bem e tão belo. Substância da esperança, evidência daquilo que não podemos ver... Que melhor maneira de conceituar algo tão diáfano como a fé?

Tocaria, porém, ao Espiritismo de Kardec o coroamento da tarefa: não apenas conciliar razão e fé, mas, ainda além, declarar que a fé somente é legítima quando passar pelo teste da razão. Chegara, afinal, a era do Consolador. Viera no tempo certo, porque antes disso os homens não estavam prontos para a renovação dos conceitos esclerosados da teologia milenar. Por outro lado, a sofisticação científica e filosófica, que a civilização trouxera no seu bojo, retirava do homem a simplicidade indispensável à aceitação daquela fé tão pura e firme que

Jesus identificara no centurião. Os homens haviam começado a inquirir o porquê das coisas e a buscarem os suportes da fé. Quando a fé surgia desapojada na razão, era rejeitada e não havia mais o que colocar no lugar dela, até que explodiu, com todo o seu impacto, a Doutrina dos Espíritos.

Por tudo isso, nós, que hoje estamos nesta posição, podemos olhar com tranquilidade o nosso futuro espiritual e o futuro da Humanidade a que pertencemos. Estamos bem equipados para enfrentar a desorientação que predomina no mundo em que vivemos. A nossa fé é estruturada naquela substância da esperança de que nos falava Paulo, uma esperança que o ensino dos mentores espirituais converteu em certeza. Quanto à evidência do que não vemos, ela salta à nossa visão espiritual, no trato quase que diário com tantos irmãos espirituais invisíveis que, antes de nós, partiram para a outra margem da vida.

Se o centurião podia crer sem discutir e sem racionalizar, por que haveremos nós, espíritas, de temer pelo futuro da Humanidade se já nos foi dado crer ao mesmo tempo com a cabeça e o coração?

Deus abençoe a Kardec, instrumento bendito dessa mensagem de paz e de amor. Até que chegássemos a esse patamar do pensamento filosófico-religioso, toda uma legião de bons trabalhadores lutaram e sofreram para nos legar aquilo a que Paulo chamou substância da esperança.

Fonte:

MIRANDA, Herminio C. *Candeias na Noite Escura*. Págs. 135 – 139. Feb. 2005.

Diretrizes de Segurança



por Divaldo Franco e Raul Teixeira

34. Uma sessão mediúnica espírita deve ser sempre iniciada com uma prece, e logo passar-se à leitura de O Evangelho Segundo o Espiritismo? Agindo sempre assim, não se estará criando um ritualismo?

Divaldo - Pode-se estar criando um hábito, não um ritual, porque aí não chega a ser um dever inadiável. Nós, por nossa vez, fazemos ao revés. Lemos uma boa página de esclarecimento, comentamos e fazemos a prece posteriormente, depois do que a reunião tem início.

35. Alguns grupos mediúnicos exigem a manifestação dos Mentores Espirituais para declararem iniciados os trabalhos. É isto necessário?

Divaldo - Exigir a manifestação do Mentor é inverter a ordem do trabalho. Quem somos nós para exigir alguma coisa dos Mentores? Quando o trabalho está realmente dirigido, são os Mentores que, espontaneamente, quando convém, se apressam em dar instruções iniciais, objetivando maior aproveitamento da própria experiência mediúnica.

Ocorre que, se condicionar o início do trabalho a incorporações dos chamados Espíritos Guias, criar-se-á um estado de animismo nos médiuns que, enquanto não ouçam as palavras sacramentais, não se sentirão inclinados a uma boa receptividade. Isso é criação nossa, não é da Doutrina Espírita.

36. Há necessidade de se abrir um trabalho mediúnico usando expressões como: aberto com a chave de paz e amor, aberto com a proteção da corrente do Himalaia ou outras do gênero?

Divaldo - Pessoalmente, não utilizamos nenhuma fórmula, porque, na Doutrina Espírita, não existem chavões, rituais, palavras cabalísticas.

Normalmente, dizemos que os trabalhos estão iniciados como sendo uma advertência para as pessoas saberem que já estamos em condições de entrar em sintonia. Penso mesmo que seja desnecessário dizer que a sessão está aberta ou iniciada. Feita a prece, evocada a proteção divina, automaticamente está iniciado o labor. Desse modo, acrescentar quaisquer palavras

que façam lembrar mantras, condicionamentos, é conspirar contra a pureza doutrinária criando certas manifestações circunstanciais, que somente cultivam a ignorância e a superstição.

37. Por que acontece, às vezes, nas sessões mediúnicas, não haver nenhuma manifestação? O que determina ou impede as manifestações?

Divaldo - O baixo padrão vibratório reinante no ambiente. A sintonia psíquica dos membros da reunião responde pelos resultados da mesma.

38. E a justificativa que é dada às vezes de que, durante estes trabalhos, a movimentação dos espíritos utiliza os fluidos dos encarnados presentes para realização de tarefas somente no campo espiritual?

Divaldo - Para que eles realizem as tarefas no campo espiritual, não necessitam da nossa presença. Retiram os fluidos em outras circunstâncias.

É que quando ocorre a queda do padrão vibratório, e como os espíritos são trabalhadores, eles aproveitam o tempo da nossa ociosidade para produzirem.

Então, diante de um possível dano que poderia ser grave, eles diminuem as conseqüências realizando trabalhos espirituais, conquanto os homens não sintozemos com eles.

39. Seria justo, então, se encerrasse a reunião depois de alguns minutos, desde que não se obtenha comunicação nenhuma?

Divaldo - Não, porque esta é uma forma de dis-

ciplinar os membros da sessão a terem responsabilidade e prepararem-se para o trabalho, que assumem espontaneamente.

40. Como deve proceder o dirigente das sessões mediúnicas para alcançar os objetivos superiores do trabalho?

Raul - A fim de atingir a meta proposta pelos Dirigentes Espirituais das sessões, será de bom alvitre que o dirigente encarnado atenda a tarefa com a máxima seriedade, considerando-a como o seu encontro mais íntimo com a Espiritualidade.

Na condição de condutor encarnado do cometimento mediúnico, deverá preparar-se para filtrar as inspirações do Invisível Superior, por meio das indispensáveis disciplinas do caráter, de uma vida enobrecida pelo cumprimento do dever, pela renúncia aos vícios de todos os tipos, que enodoam tanto seu psiquismo quanto seu organismo físico.

Será de grande valia para o dirigente, quanto para aqueles que se candidatam a tal direção de trabalhos mediúnicos, o gosto por estudar as obras literárias do Espiritismo, assim como o hábito das meditações em redor do que haja lido, facilitando a identificação das diversas ocorrências que poderão se dar nas sessões, como permitindo interferências indispensáveis nessas ocasiões, com conhecimento de causa.

O fenômeno do animismo quanto o das mistificações, somente às custas de muita reflexão em torno de muito estudo, e amadurecimento, com o conseqüente conhecimento do ser humano, poderão ser identificados satisfatoriamente.

Fonte:

FRANCO, Divaldo P. TEIXEIRA, Raul J. *Diretrizes de Segurança*. Frater, 2002.

CAPA

CIÊNCIA E ESPIRITISMO



Ciência e Espiritismo

por Ary Lex



CONTROLE CIENTÍFICO DOS FENÔMENOS

Quando se vai fazer uma pesquisa, no campo da mediunidade, é de absoluta importância submetem-se as manifestações a um controle objetivo, tanto científico quanto possível. Devemos ser os primeiros a desejar eliminação das causas de dúvida. Só poderemos convencer alguém quando apresentarmos o fato observado e estudado criteriosamente. Queremos enfatizar que não estamos propondo tal controle para todas as reuniões mediúnicas, de qualquer modalidade, psicofônicas ou psicográficas, públicas ou privadas. Frisamos bem: o controle é necessário nos trabalhos de pesquisa, visando obter provas. Por exemplo: as sessões de materialização, efeitos físicos, fotografia espírita, transportes de objetos, transfiguração ou semelhantes precisam ser submetidas a controle rigoroso. Essas sessões não visam trazer conforto ou consolo; buscam a prova da sobrevivência do espírito. Caem no campo das ciências e precisam seguir seus métodos e técnicas. Obviamente, uma sessão de materialização não deve ser utilizada para levantar fundos para obras assistenciais, ou aproveitar o Espírito materializado (com que dificuldades!) para proceder a curas, dar passes etc...

As verdades da Ciência são, de fato, relativas, mas representam o conceito atual do assunto. O Espiritismo deve acatar as explicações e manter uma seqüência de teorias lógica e racional. É postulado que Kardec sempre defendeu: “Os fatos que a ciência demonstra peremptoriamente não podem ser negados por nenhuma crença religiosa. A religião ganha tanta autoridade, acompanhando a ciência em seus progressos, tanto quanto a perde, caprichando em ficar atrás, ou repelindo verdades científicas em nome de dogmas, que jamais poderão prevalecer contra as leis naturais, nem principalmente anulá-las.” (Obras Póstumas - 1ª parte - Manifestações de Espíritos - item 7.)

A mesma opinião esposa Gabriel Délanne: “O Espiritismo dá-nos a conhecer a alma; a ciência nos descobre as leis da matéria viva. Trata-se, portanto, para nós, de conjugar os dois ensinamentos, mostrar que eles mutuamente se auxiliam, se completam, tornam-se mesmo inseparáveis e indispensáveis à compreensão dos fenômenos da vida física e intelectual, por isso que de uma tal concordância resulta, para o ser humano, a mais esplêndida de quantas certezas lhe seja facultado adquirir na Terra.” (A Evolução Anímica - Introdução - Gabriel Délanne - Edição F.E.B.) ▶

É preciso que façamos desaparecer a idéia de antagonismo entre Espiritismo e Ciência. A verdadeira Ciência não hostiliza o Espiritismo, pois ela não é sectária, não se manifesta ao sabor de opiniões pessoais. Por sua vez, o Espiritismo não pode ir contra a Ciência, pois é nela que ele buscou as bases objetivas de sua doutrina e, de acordo com ela, estabelecerá as novas explicações dos fatos psíquicos.

Não confundamos a opinião individual de alguns com as verdades científicas. Ninguém tem o direito de se revestir com o manto da Ciência para atacar pontos de vista filosóficos, inteiramente fora de sua alçada. Um químico, por exemplo, deve ter sua opinião respeitada e acatada, desde que fale dos assuntos da sua especialidade, mas, quando se propõe a formular teorias e dogmatizar sobre religião, o faz sem nenhuma autoridade. Assim, também as religiões não têm competência para refutar teorias científicas, quando se trata de questões de ordem material.

APROXIMAÇÃO CIÊNCIA - ESPIRITISMO

O Espiritismo busca sempre a prova daquilo que afirma e ensina. Algumas explicações ainda permanecem no terreno das hipóteses, mas chegará um dia em que todos os fenômenos espirituais serão perfeitamente elucidados. Muitos fatos, cujas causas, até há pouco tempo, eram desconhecidas, hoje se explicam com facilidade,

pois a Ciência evoluiu, possibilitando-nos comprovações novas. Nada há contra as leis sábias da natureza, nada ilógico ou absurdo. Tudo tem sua razão de ser, tudo segue leis inflexíveis e eternas.

As novas conquistas no campo da Física atômica e as concernentes ao estudo das radiações e do mag-

*Todos os corpos
são formados
dos mesmos
elementos*

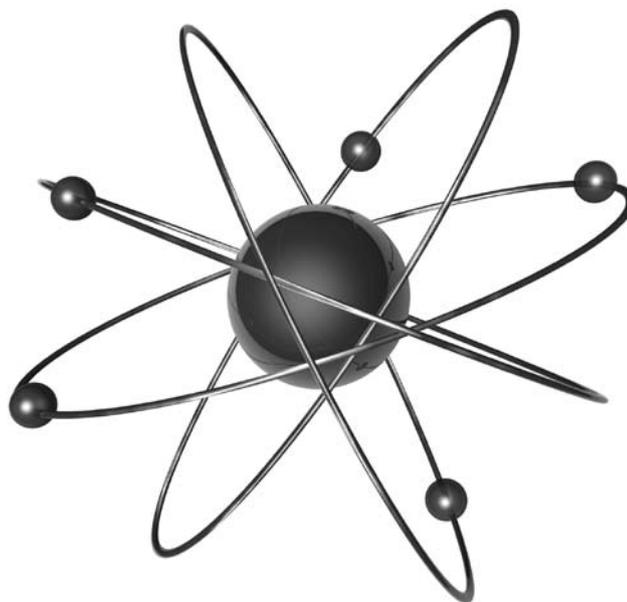
netismo constituem valioso passo da Ciência, aproximando as concepções espíritas das teorias científicas sobre vida, matéria e energia. Vejamos um exemplo: Muito tempo antes de a Ciência admitir a unidade da matéria, já o Espiritismo, o

afirmava, através das revelações dos Espíritos Superiores. Só após 4 ou 5 décadas, é que a Ciência oficial chegou a esta conclusão admirável: matéria e energia são uma única e mesma coisa, apresentando-se em graus de concentração diferentes. Todos os corpos são formados dos mesmos elementos; todos são constituídos de pequeníssimas partículas - prótons e elétrons (além de outras descobertas mais recentemente), dotadas de cargas elétricas.

Essa unidade da matéria, reconhecida pela Física em fins do século passado, já era afirmada no primeiro livro de Kardec - "O Livro dos Espíritos", cuja primeira edição saiu a 18 de abril de 1857. Encontramos aí a exposição da unidade da matéria: "A matéria é formada de um só elemento primitivo. Os corpos que considerais simples não são verdadeiros elementos: são transformações da matéria primitiva. As diversas propriedades da matéria são modificações que as moléculas elementares sofrem, por efeito da sua união e em certas circunstâncias." ("O Livro dos Espíritos" - Capítulo II - itens 30 e 31.)

Quando os Espíritos falam em "moléculas elementares", evidentemente se estão referindo às partículas intra-atômicas, pois os termos elétrons e prótons só foram criados muito mais tarde.

No começo deste século, tendo os cientistas descoberto os corpos radioativos e observado a transformação do rádio, urânio, cobalto, em emanações,



foi-se obrigado a admitir a desagregação da matéria, transmutando-se em energia. Todo corpo radiativo que produz energia o faz à custa da sua própria substância. Após certo tempo (milênios), esse corpo se terá desagregado. As partículas que o constituíam se desprenderam, indo constituir vários tipos de radiações.

Essas constatações vieram refundir, completamente, os conceitos básicos da Física, e não poderia persistir a noção de dualidade entre matéria e energia. Já se tornou possível a condensação de energia para obter matéria. Por isso, tornou-se possível explicar as materializações dentro de conceitos científicos.

A Biologia, a Bioquímica e a Neurofisiologia, por outro lado, aventuram-se, hoje, em concepções quase transcendentais, de tal forma que muita teoria moderna seria tida, há algumas dezenas de anos, como elocubração de cérebros doentes. Hoje se sabe que o funcionamento de todos os órgãos é acompanhado de modificações no seu estado eletromagnético. O estudo dessas modificações permitiu obter dados interessantíssimos sobre a normalidade e a função dos órgãos, tendo-se verificado que as partes doentes apresentam transtornos no seu equilíbrio eletromagnético. A eletrocardiografia, destinada a estudar o estado elétrico do coração nas várias fases do seu trabalho, é ótimo processo para verificar certos distúrbios. Não há, atualmente, clínica alguma, onde não se use o eletrocardiograma para o diagnóstico das moléstias cardíacas. Também já se conseguem medir as variações do potencial elétrico do cérebro em

atividade. O gráfico obtido chama-se eletroencefalograma (EEG). Os casos de epilepsia pouco típica são assim diagnosticados, bem como tumores cerebrais e muitas outras patologias.

Todos esses progressos vieram nos mostrar quão íntimas são as inter-relações entre o mundo do ponderável e o do imponderável. Vieram provar que os cientistas precisam lançar suas vistas para um campo imensamente maior, buscando as causas e as leis de fatos ainda tão pouco conhecidos. Vieram afirmar que fenômenos inacessíveis

As novas descobertas abriram um campo maravilhoso às pesquisas. Estamos num ponto em que Ciência e o Espiritismo se aproximam em suas idéias mestras

aos nossos sentidos se realizam, obedecendo leis sábias.

As novas descobertas abriram um campo maravilhoso às pesquisas. Estamos num ponto em que Ciência e o Espiritismo se aproximam em suas idéias mestras. A Física

moderna, em seus ousados vôos em pleno domínio do infinitamente pequeno e do imponderável, já toca às raias da Metafísica. Os velhos tabus científicos ruíram ao sopro das maravilhosas conquistas das várias Ciências. O Espiritismo, por seu lado, consolida-se em sólidas bases experimentais, procurando, ao lado de sua Filosofia profunda e consoladora, acompanhar os progressos científicos.

Entretanto, que dificuldades há, ainda, a vencer! Se a comprovação de qualquer fato é muito trabalhosa, exigindo variadíssimas observações, sendo preciso compará-las e excluir as causas de erro, que não se dirá com relação ao estudo dos tais fenômenos espíritas? Temos de jogar aqui com fatos diferentes dos físico-químicos, exigindo condições especialíssimas. Os fatos espíritas, como quaisquer outros, só poderão realizar-se, quando certas condições forem preenchidas.

Os fenômenos químicos só se obtêm em laboratórios quando existem condições de temperatura e pressão e usando reagentes em proporções certas. Em uma reação, sabemos o que vamos conseguir, pois usamos drogas em quantidades adequadas e as outras condições precisam ser obedecidas. Nas manifestações espíritas intervêm seres pensantes, de proceder independente da nossa vontade. Por isso, o resultado de uma pesquisa, em que intervêm espíritos desencarnados, não está sujeito à vontade dos experimentadores. Se hoje podemos conseguir fenômenos maravilhosos, amanhã eles poderão falhar totalmente. Isso pude observar repetidamente, quando participei ▶

de numerosas sessões de materialização (1945 a 1960). Em um núcleo que se reunia na Rua Alfredo Pujol, em Santana, onde se materializava a “irmã Noiva”, tínhamos essas alternâncias - sessões com resultados espetaculares, entremeadas com outras, em que praticamente nada se conseguia. O número de pessoas era reduzido, permitindo controle bom.

AS RESTRIÇÕES DOS MATERIALISTAS

Os materialistas, não admitindo o Espírito, estão habituados a relacionar os sentidos exclusivamente aos órgãos do nosso corpo. Assim, sem olhos, não seria possível a visão; sem ouvidos, não existiria audição. Todavia, dentro da própria Ciência oficial vamos encontrar fortes exceções a essa teoria. O estudo cuidadoso do sonambulismo e do hipnotismo revelou-nos muitas manifestações que escapam inteiramente a essa subordinação sensorial.

Citemos apenas dois casos:

Délanne, no livro “O Espiritismo Perante a Ciência” (2ª, parte - Capítulo II), refere o caso de um abade que, durante a noite, levantava-se e punha-se a escrever. Alguns amigos, tomados de curiosidade, seguiram-no e verificaram que ele escrevia com os olhos fechados. Interpuseram um grande cartão entre o rosto do abade e a escrita, o que não impediu a continuação desta. Terminada uma página, ele a “reliu”, sempre com os olhos fechados, e corrigia, com precisão admirável, as palavras erradas. Estamos diante

de um caso em que a visão se realiza sem o intermédio dos olhos.

Rostan, no Dicionário de Ciências Médicas, citado por Délanne, relata as experiências com uma pessoa que era capaz de dizer as horas de um relógio, colocado atrás de sua cabeça. Para evitar a possibilidade de telepatia, os experimentadores giravam os ponteiros do relógio, sem que se ficasse sabendo em que

Os materialistas, não admitindo o Espírito, estão habituados a relacionar os sentidos exclusivamente aos órgãos do nosso corpo

ponto eles haviam parado. Assim, se ninguém soubesse as horas e minutos, não poderia haver a transmissão do pensamento. Pois bem, esse sensitivo, possuidor da capacidade de clarividência, lia o mostrador com precisão.

Nos casos citados, somos levados a admitir algo que vê, fora dos limites corporais. É o Espírito encarnado, ou alma. Nas pessoas comuns, a visão se realiza pelos olhos, porém pode prescindir de-

les. É o caso do sonambulismo e do hipnotismo, em que se podem liberar os poderes da clarividência, uma atividade anímica.

No indivíduo normal, o corpo só funciona dentro de certos limites. Além deles, quando os sentidos já se tornaram insuficientes, temos de recorrer aos aparelhos para o estudo dos fenômenos e de suas leis. Quando não é possível a experimentação com aquilo que é palpável e mensurável, faz-se mister empregar mais a fundo o raciocínio.

Nossa retina não percebe os raios ultra-violeta, os raios X, mas os aparelhos de laboratório os registram. Os raios X sensibilizam as chapas, os ultra-violeta queimam a pele e aumentam a ação de certas drogas. Não os vemos, mas conhecemo-los pelos seus efeitos. Assim, são os Espíritos. Sabemos que existem, porque dão provas de sua individualidade. Manifestam-se através dos médiuns, e a objetividade do fenômeno espande em toda a pujança nas sessões de voz direta e de materialização, em que o Espírito revela sua personalidade nas maiores minúcias, desde o timbre da voz até a demonstração de sua cultura.

Assim como admitimos a existência das radiações, sem nunca as termos visto; assim como conhecemos a constituição do átomo, através de provas indiretas; assim também somos forçados a aceitar a existência dos Espíritos desencarnados e sua comunicabilidade, por causa da multiplicidade de provas que nos proporcionam.

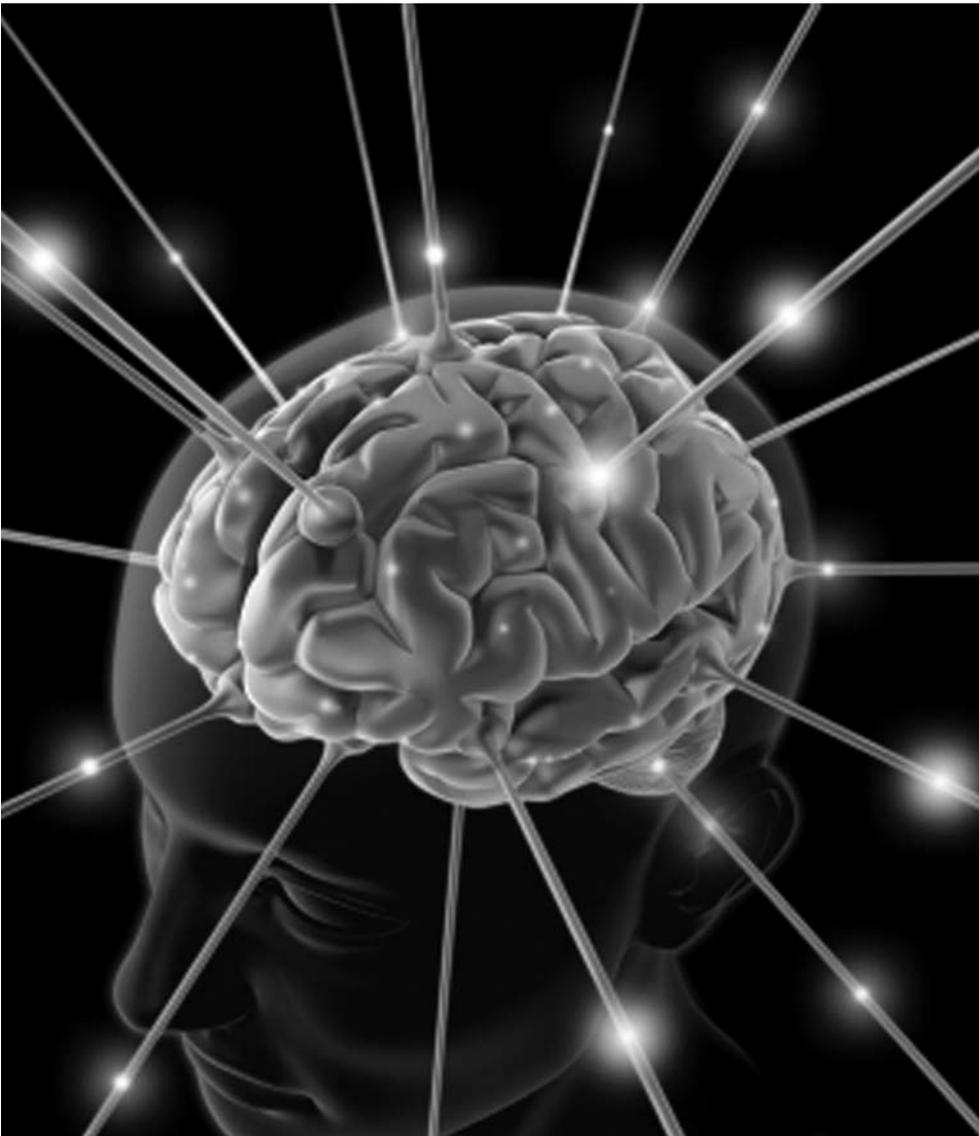
É patente a dificuldade que encontram os materialistas no campo do psiquismo humano. Vejamos

como se explica a percepção do mundo exterior. Sabe-se que os excitantes externos (luz, odores, calor etc.) são recebidos, no corpo humano, por órgãos especializados, situados nas extremidades periféricas dos nervos sensitivos. Conhecem-se bem esses órgãos receptores - corpúsculos táteis e gustativos, órgãos da vista e da audição etc. Conhece-se, perfeitamente, o trajeto dos estímulos na substância nervosa, até chegar ao cérebro. Sabe-se a que regiões cada sensação vai ter. O que não se sabe

é como essa sensação se transforma em percepção; como o influxo nervoso se torna conhecimento; como se dá, enfim, aquilo que se costuma denominar “espiritualização da sensação”. Nesse ponto, reside grave falha da explicação mecanicista dos processos mentais: fica-se obrigado a atribuir a uma célula, mutável e instável, a capacidade de espiritualizar as sensações e elaborar as idéias, juízos e raciocínios. É como se quiséssemos atribuir às teclas de um piano a capacidade de compor e executar as mais finas melodias,

só para poder negar a presença do pianista!

E a memória, como a explicam os mecanicistas materialistas? Por quais processos particulares da célula nervosa as impressões que ela recebe ficam armazenadas, permitindo o afloramento à consciência dos fatos antigos? Vibração molecular, segundo Moleschott. Cada impressão nervosa comunicaria aos componentes da célula uma vibração particular; mais tarde, esta vibração conservada permitiria ao indivíduo a revivescência



Há, entretanto, cientistas honestos que reconhecem as insuficiências das teorias que não consideram a alma

da imagem. Mas sabemos que as moléculas formadoras das células de nosso corpo continuamente se renovam, mesmo as que constituem as células nervosas (como unidades, estas não se renovam). Como poderá permanecer a memória dos acontecimentos, se a imagem deles estava gravada em moléculas que já se foram?

Há, entretanto, cientistas honestos que reconhecem as insuficiências das teorias que não consideram a ▶

alma. O grande neurologista francês Paul Cossa, em seu livro “Fisiopatologia do Sistema Nervoso” (Masson editores 1936 - Paris), estudando as bases fisiológicas da atividade psíquica, à página 670 - 4ª parte, diz o seguinte: “Mas quando, ao fim de um longo estudo, vemos os fatos se oporem uns aos outros, como não ser tentado a concluir pela única possibilidade que resta, ou seja, pela hipótese? Basta-nos ter entrevisto que a explicação espiritualista não era nem mais gratuita, nem menos sensata do que a explicação mecanicista.” “Estas células (cerebrais) se contentam em transformar em atividade nervosa aquela energia calórica ou química que recebem? Ou melhor, não tomando senão um suporte nessas formas banais, materiais de energia, serão os neurônios capazes de uma atividade especial, fora de proporção com elas, quanto à intensidade, fora de comparação quanto à natureza? É impossível responder a esta questão senão por um postulado metafísico”.

Analisando o pensamento desse grande neurologista, sentimos vivamente que, até na Ciência, que se gaba de objetiva, muitas vezes só se pode responder a uma questão com postulados metafísicos, com conjecturas tão ou mais metafísicas, quanto as dos espiritualistas.

ESPIRITUALIZAÇÃO DA CIÊNCIA

Schwartz (1974), entre os axiomas básicos da Ciência, coloca o seguinte: “O conhecimento científico libertará o homem da ignorância, da superstição e dos males sociais.”

(A inflação da técnica: o declínio da tecnologia na sociedade moderna - São Paulo - 1974.)

Entretanto, o saber pelo saber foi substituído pelo saber que dá frutos e rendimentos. A Ciência tornou-se independente da Filosofia e da Religião, mas veio aceitar a proteção e o domínio do sistema econômico dominante. Há, por exemplo, grande estímulo financeiro para a produção e descoberta de novos produtos farmacêuticos, fertilizantes, detergentes etc...

O principal motivo para espiritualizar os métodos de pesquisa é evitar o mau uso deles, que leva à construção das bombas atômicas e à destruição da natureza

Bunge, em postura fechada e dogmática, coloca como quimera a comunicação com outras pessoas, sem empregar os sentidos, já que isto implicaria o reconhecimento de componentes não-físicos no homem. (La investigación científica, su estrategia y su filosofía - Barcelo-

na - Abril de 1972.) Mas sabemos que os chamados milagres ocorrem, não por suspensão ou criação de leis cósmicas e, sim, por ação de leis pouco conhecidas pela Ciência. Geralmente são desprezados devido à impossibilidade de confirmação, através da comprovação científica ortodoxa.

Esperávamos que, no mundo científico atual, as idéias se imporiais pelo peso das evidências, mas isto só ocorre quando elas (as idéias) são mera ampliação ou detalhamento das velhas teorias. Todavia, quando elas vêm renovar fundo, são repudiadas pelo comodismo e pelas chamadas autoridades científicas.

O método científico só será fértil para o progresso da humanidade, e não mera tecnologia a serviço do poder econômico, quando cuidar, com o rigor e a objetividade necessários, não só dos fatos experimentais, mas também, e principalmente, da orientação ética e espiritual das pesquisas.

A Ciência se diz neutra, mas deixa de o ser, quando se recusa a tomar conhecimento da parte espiritual.

J. Bonilla Castillo publicou o Relatório preliminar sobre fundamentos do método científico, suas limitações atuais e uma proposta para seu enriquecimento” - EPA-MIE - Belo Horizonte - 1984. Nesse relatório, admite ele uma terceira dimensão da Ciência, a espiritual. Sua razão de ser não seriam as subvenções, os auxílios de indústrias ou de governos, mas a motivação cabe ao Espírito imortal. Para Castillo, é necessária a espiritualização dos métodos de pesquisa, pela luta ▶

em prol de uma autêntica realização humana.

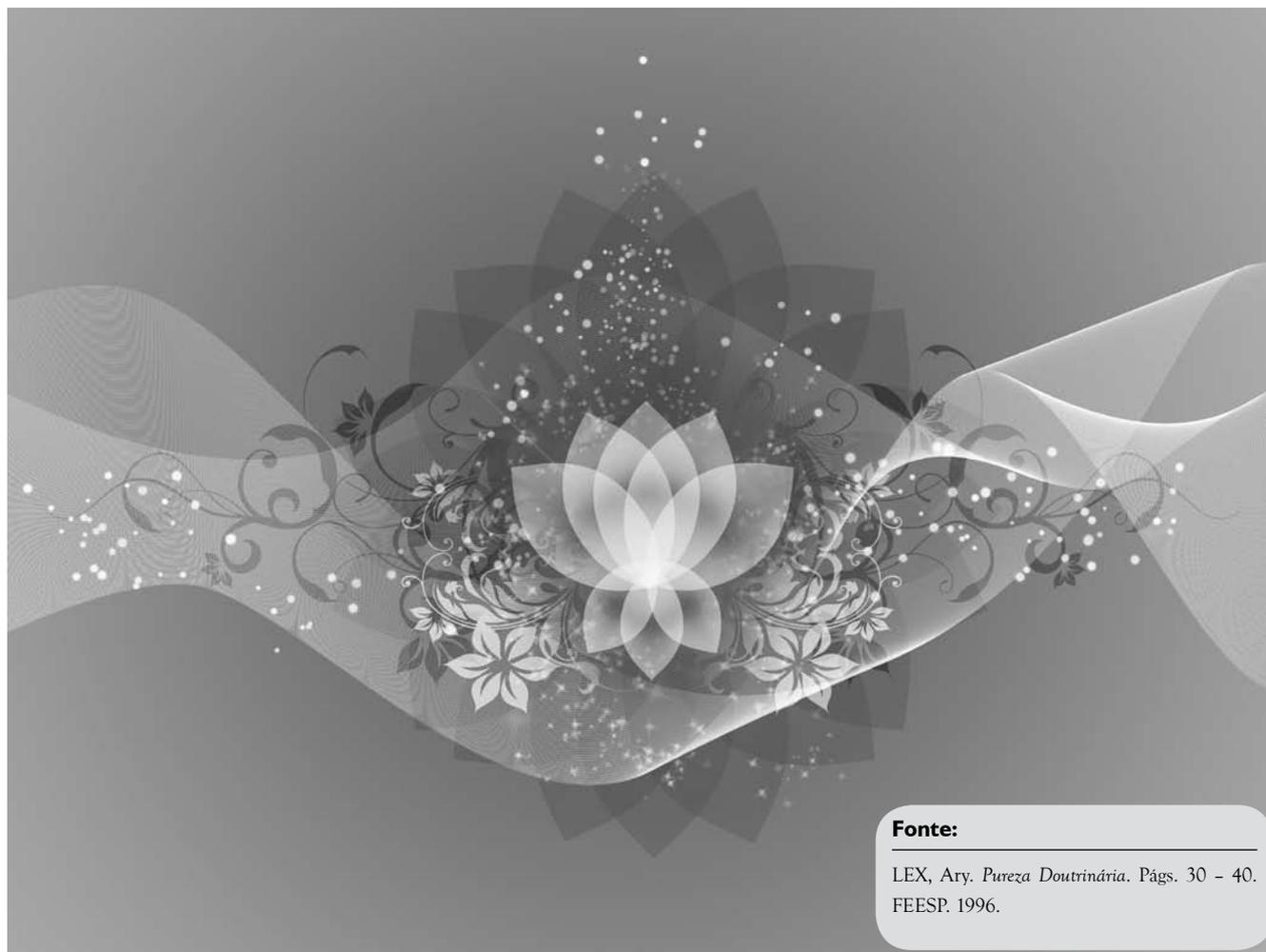
O principal motivo para espi-

***O Espiritismo
tem procurado
ser um traço
de união entre
a Ciência, a
Filosofia e a
Religião***

ritualizar os métodos de pesquisa é evitar o mau uso deles, que leva à construção das bombas atômicas e à destruição da natureza. O homem está sujeito a um novo Deus: o progresso material, que promete o máximo de bem-estar físico, que produz um número, cada vez maior, de bens de consumo de comodidades e facilidades, mas que esqueceu, por completo, todos os problemas do Espírito imortal. Não podemos esperar que uma epidemia de sensibilidade, de ética e espiritualidade contage, subitamente, tecnólogos e cientistas. Mas devemos lutar no sentido do verdadeiro progresso, que é concomitantemente material

e espiritual, para que a humanidade, cheia de bens materiais, mas cada vez mais angustiada e desequilibrada, possa ter um objetivo maior, meta de progresso que transcende a encarnação atual.

O Espiritismo tem procurado ser um traço de união entre a Ciência, a Filosofia e a Religião. É para isso que ele veio, e Kardec assim o definiu - uma ciência com conseqüências morais. Não uma religião a mais, férrea, fechada, dogmática, que cria multidões de místicos e de fanáticos. Não uma Filosofia de gabinete, porém uma Doutrina de enormes conseqüências religiosas e sociais.



Fonte:

LEX, Ary. *Pureza Doutrinária*. Págs. 30 - 40. FEESP. 1996.

Contágio do Amor

por Orson Peter Carrara

Quem assistiu o excelente filme *O Amor é contagioso*, certamente se recordará que o personagem principal desejou humanizar o ambiente médico de tratamento psiquiátrico, introduzindo práticas não convencionais e realizando o contágio do amor entre os pacientes.

Guardadas todas as devidas proporções, percebe-se logo nítida ligação com a realidade de nossas Casas Espíritas. Elas também estão necessitadas, claro que isto não é regra geral, de uma humanização de seus ambientes, trocando a frieza pelo calor humano da atenção e do carinho uns pelos outros. Deixarmos de sermos meros transmissores do conhecimento intelectual espírita ou seguidores de normas rígidas que nunca atingem os corações.

A Doutrina Espírita, como se sabe, tem mensagem transformadora das concepções humanas e visa antes de tudo a melhora moral do homem. Na verdade, o Centro Espírita, muito mais que explicar, há que fazer sentir... Sentir o sentido de viver, ensinar sim o que fazer, mas especialmente como fazer... Propiciar troca de

idéias para que os valores individuais surjam com toda sua pujança e nesse encontro de aspirações, expectativas, receios, medos, experiências, aflições e esperanças, o integrante de suas reuniões compreenda o importante papel que pode desempenhar em favor de si próprio e do local onde vive, na família ou em sociedade.

Isto só será possível através do diálogo, ainda que em grupo. Ninguém nega o valor das palestras, dos passes, da reunião mediúcnica, do trabalho assistencial em favor do próximo, mas há que se reforçar, estimular, o estudo em grupo, a troca de experiências de vida que façam compreender a própria vida. Através das dificuldades de uns e de outros, ou de si mesmo, é que cada um entenderá a si próprio e poderá agir como autêntico trabalhador espírita, agora já consciente.

O que assistimos atualmente é uma multidão a receber passes, a ouvir na expectativa de receber o passe e retirar-se para voltar na semana seguinte e repetir o mesmo caminho, sem entender as causas de suas aflições ou os objetivos de sua existência. Nem sempre o só ouvir, durante 40 ou 60 minutos, de uma

palestra consegue atingir o âmago dos problemas. Daí a necessidade do diálogo que pode começar no atendimento fraterno e pode estender-se em grupos que dialoguem.

A didática, a metodologia de estudo e ensino do Espiritismo, pela própria índole da Doutrina Espírita, requer motivação, aprofundamento dos temas, questionamentos sob a ótica espírita e à luz dos problemas atualmente enfrentados por famílias inteiras ou no silêncio da individualidade.

Por tudo isso, mantenhamos sim a seriedade da própria Doutrina Espírita, sem sermos carrancudos que impedem o progresso das idéias que hoje solicitam integração para melhor aproveitamento.

Esta presença do afeto, da atenção, da afabilidade, da doçura, significam a humanização do ambiente espírita, que não deve ser frio ou indiferente, mas precisa estar impregnado do calor humano, característica essencial dos filhos de Deus.

Fonte:

Artigo originalmente divulgado no site do Autor: <http://www.orsonpcarrara.rg3.net/>

A Confissão e Comunhão dos Cristãos

por Therezinha Oliveira

A palavra confessar tem dois sentidos principais:

1) Declarar, revelar: Jesus queria que os seguidores o “confessassem” diante de todos (Lc 12:8-9), ou seja, que o reconhecessem e o declarassem como o seu mestre espiritual.

2) Reconhecer a realidade de uma ação, erro ou culpa: neste significado é que mais costumamos empregar a palavra confissão. Importante é saber reconhecer o acerto ou erro de nossas atitudes ou atos, para, a seguir, perseverar no que for certo ou começar a corrigir o que estiver errado.

OS TRÊS MODOS DE CONFESSAR

1) *Intimamente (diretamente a Deus)*

Examine-se, pois, a si mesmo o homem. (Paulo, 1 Co 11:28)

Em uma parábola (Lc 18:9-14), Jesus conta que um publicano, em confissão íntima, fez justa avaliação de seu estado espiritual, suplicou o amparo divino para se melhorar e, com esse proceder, alcançou o benefício que pedira.

A confissão íntima é feita quan-

do o assunto não requer maior comunicação com os nossos semelhantes, ou para não prejudicar ou sobrecarregar desnecessariamente a outrem com aflições ou problemas.

2) *Uns aos outros*

Importante é saber reconhecer o acerto ou erro de nossas atitudes ou atos

Recomenda Tiago, em sua epístola (5:16): “Confessai, pois os vossos pecados uns aos outros e orai uns pelos outros, para serdes curados”.

Essa confissão, benéfica e necessária ao convívio humano, é o diálogo fraterno e franco através do qual podemos:

- esclarecer ou prevenir mal-entendidos, aprofundando o entendimento e mantendo a harmonia;
- revelar arrependimento e desejo de reajuste e reconciliação;
- expor problemas e dificuldades a quem nos possa entender e ajudar.

3) *De público*

a) Ela pode ser um apoio para não mais reincidirmos numa falta, porque, feita ante todos, com a promessa de não voltar a falir, o sentido de dignidade pessoal nos leva a procurar manter o compromisso publicamente assumido. João somente batizava aqueles que confessavam publicamente o seu arrependimento. (Mt 3:6)

b) É necessária para reparar males que prejudicaram a outros de modo também público, pois faz que a verdade se restabeleça logo e amplamente.

Em qualquer das três formas, temos a confissão cristã, que constitui uma comunicação nossa, mais sincera e aberta, com Deus e com o próximo. Confissão que nos libera de angústias, tensões, temores e complexos de culpa, renovando-nos as possibilidades diante de nós mesmos e dos outros.

E é uma forma de caridade o saber ouvir, acolher, desculpar, reanimar e orientar aos que nos procuram para uma confissão fraterna.

A CONFISSÃO AURICULAR

Ela não existia entre os primeiros cristãos. Foi instituída posteriormente, sob a alegação de que Jesus teria concedido aos apóstolos um poder especial para a remissão dos pecados que lhes fossem confessados.

Jesus absolutamente não concedeu a ninguém uma autorização para, em lugar de Deus, decidir quanto aos erros humanos. Quem, na Terra, teria condição de saber se uma confissão é completa e se a contrição é verdadeira? A consciência individual é sagrada e só depende de Deus, diretamente.

Em que se teriam baseado para instituir o que chamam de sacramento da confissão? Numa afirmativa de Jesus: “tudo o que ligardes na terra, terá sido ligado no céu, e tudo o que desligardes na terra terá sido desligado no céu”.

Examinemos as duas passagens em que essas palavras foram registradas:

Mateus 18:18: o assunto é o perdão das ofensas. Neste caso, o que Jesus esclarece é que quem não perdoa fica ligado ao ofensor (por laços mentais, fluídicos, mágoa, ressentimento, revolta). Se não for possível a reconciliação, perdoemos nós e procuremos esquecer tudo, para nos desligarmos do ofensor e não sofrermos prejuízos espirituais.

Mateus 16:13-19: Pedro recebe por revelação espiritual que Jesus é o Cristo. Jesus afirma que sua igreja (agrupamento) se apoiará em comunicações espirituais assim e

que Pedro terá “as chaves do reino” (como médium, servirá ao intercâmbio mediúnico). Quem aprende a fazer o intercâmbio mediúnico também terá, como Pedro, “as chaves do reino”, devendo utilizá-las de modo elevado.

Só depois deste episódio é que vem a repetição da frase sobre ligar ou desligar na terra e no céu, que tem muito mais propósito na outra passagem. Neste texto de Mateus, fica parecendo uma indevida interpolação, pois cada um é que se “liga” ou “desliga”, pelo que pensa, sente e faz, tanto na vida espiritual (céu), como na vida material (terra).

JESUS, O PÃO DA VIDA

No capítulo 6 do evangelista João, Jesus fala de si mesmo e de sua missão: “sou o pão da vida”, “que desce do céu e dá vida ao mundo”



(vs. 33 e 35). Disse, também que, para termos vida, devemos “comer” sua “carne” e “beber” o seu “sangue” (v. 53).

Mas explicou que falava de forma simbólica (v. 63).

O significado é:

- Jesus veio de planos mais elevados (desceu do céu);

- para oferecer às criaturas na Terra a verdade, o ensino (pão) que nutre a alma;

- e, com isso, fazê-las viver espiritualmente (dar vida), pois geralmente vivemos quase que só para as coisas do mundo material;

- desde que as pessoas assimilem seu ensino, aprendam com seu exemplo, imitem sua vivência (comer sua carne e beber seu sangue).

QUE É COMUNGAR?



Disse ainda: “quem de mim se alimenta, por mim viverá” (Jo 6:56-57)

A isto é que se chama comungar - ter comunicação, participação em comum, união em crenças, idéias, conduta.

A isto é que se chama comungar - ter comunicação, participação em comum, união em crenças, idéias, conduta.

Na ceia pascoal (já perto de deixar este mundo), Jesus usou de novo os símbolos pão (ensino) e vinho (essência espiritual de sua vida, o seu exemplo), que reparte entre os discípulos, significando que estava dando sua vida por eles e “em favor de muitos”.

E pede: “Fazei isto em memória de mim.” (Lc 22:19; 1Co 11:23-25)

Seus seguidores atenderam o pedido; continuaram lembrando e seguindo os ensinamentos de Jesus, viviam em comunidade, partilhavam o que tinham com todos. Havia, pois, comunhão entre os primitivos cristãos. (At 2:42-47)

PARA COMUNGAR COM JESUS

Jesus queria que os seus discípulos e apóstolos comungassem com ele (Jo 15:10), mas orava para que também outras pessoas viessem a crer nele e a comungarem com ele, para serem todos “um com o Pai”. (Jo 17:20-21)

Comunguemos com Jesus, ou seja, procuremos entender e viver os seus ensinamentos, seguir o seu exemplo, amar a Deus e ao próximo.

Assim, participaremos cada vez mais de suas idéias e de seus sentimentos e ações, unindo-nos a ele cada vez mais, até alcançarmos uma perfeita comunhão; e estando unidos a Jesus, estaremos unidos, também, à vontade divina.

Fonte:

OLIVEIRA. Therezinha. *Iniciação ao Espiritismo*. Págs. 91 - 95. Editora Allan Kardec. 2006.

Penalizar não significa Punir

por Eduardo Martins



Todo ano, quando a Receita Federal divulga as normas para o pagamento do Imposto de Renda, o comentário é inevitável: *O governo vai penalizar ainda mais a classe média.* A afirmação pode até ter cabimento, mas está expressa em mau português: **penalizar** significa causar pena e não punir. Assim, o verbo aparece corretamente em frases como: *Nada o penalizava mais que a situação do amigo. / Ficou penalizado pelas vítimas do abalo.*

O uso errado de penalizar como prejudicar, castigar ou punir resulta de modismo e da duplicidade de sentido da palavra pena, que tanto designa piedade como punição. Veja como substituir o verbo: *O jogador não deve ser punido (e não “penalizado”) pelo tribunal. / O aumento prejudicou (e não “penalizou”) os consumidores. A diretora castigou (e não “penalizou”) os alunos faltosos. / O artista acabou punido ou castigado (e não “penalizado”) pela ousadia.*

O RELIGIOSO É UM FRADE

O papa João Paulo II beatificou o primeiro religioso brasileiro, frei Antônio de Sant’Ana Galvão, natural de Guaratinguetá (SP). É certo dizer que se trata de um frei franciscano? Não é certo porque a palavra **frei** constitui uma forma de tratamento e só pode ser usada diante do nome da pessoa. Assim: *frei Galvão, frei Damião.* O membro da ordem religiosa, porém, é um **frade**.

Portanto: *Frei Galvão era um frade franciscano (e não “um frei” franciscano). / A moça visitou o convento dos frades dominicanos (e não “dos freis” dominicanos). / O colégio era dirigido por um frade (e não por “um frei”).* **Frei** usa-se normalmente antes do prenome: *frei Damião, frei Luís, frei Antônio.* O caso de *frei Galvão* representa uma exceção, porque o título **frei** precede o sobrenome.

ANTÁRTIDA OU ANTÁRTICA?

O nome do continente situado no Pólo Sul é **Antártida** ou **Antártica**? Trata-se de mais um caso em que os dicionários divergem, registrando tanto uma como a outra grafia. E fala-se ainda no **continente antártico**. Os defensores da forma **Antártica** alegam que o adjetivo antártico surgiu para se opor a ártico, uma vez que antártico seria contra o ártico ou do lado oposto ao ártico. Em francês, por exemplo, a região se chama Antartique e, em inglês, Antarctica. Em italiano, no entanto, ela é Antartide e, em espanhol, tanto Antártida como Antártica. A maior parte dos livros de referência da língua portuguesa define-se por **Antártida**. Entre eles, estão o abalizado *Caldas Aulete* e o *Koogan Larousse*, organizado pelo filólogo Antônio Houaiss. Por isso, prefira **Antártida**.

Fonte:

MARTINS, Eduardo. *Com Todas as Letras*. Pág. 18. Editora Moderna. São Paulo/SP, 1999.

Servicinhos

“Antes sede uns para com os outros benignos.” - Paulo (Efésios, 4:32.)

Grande massa de aprendizes queixa-se, por vezes, da ausência de grandes oportunidades nos serviços do mundo.

Aqui, é alguém desgostoso por não haver obtido um cargo de alta relevância; além, é um irmão inquieto porque ainda não conseguiu situar o nome na grande imprensa.

A maioria anda esquecida do valor dos pequenos trabalhos que se traduzem, habitualmente, num gesto de boas maneiras, num sorriso fraterno e consolador... Um copo de água pura, o silêncio ante o mal que não comporta esclarecimentos imediatos, um livro santificante que se dá com amor, uma sentença carinhosa, o transporte de um fardo pequenino, a sugestão do bem, a tolerância em face de uma conversação fastidiosa, os favores gratuitos de alguns vinténs, a dádiva espontânea ainda que humilde, a gentileza natural, constituem servi-

ços de grande valor que raras pessoas tomam à justa consideração.

Que importa a cegueira de quem recebe? Que poderá significar a malevolência das criaturas ingratas, diante do impulso afetivo dos bons corações? Quantas vezes, em outro tempo, fomos igualmente cegos e perversos para com o Cristo, que nos tem dispensado todos os obséquios, grandes e pequenos?

Não te mortifiques pela obtenção do ensejo de aparecer nos cartazes enormes do mundo. Isso pode traduzir muita dificuldade e perturbação para teu espírito, agora ou depois.

Sê benevolente para com aqueles que te rodeiam.

Não menosprezes os servicinhos úteis.

Neles repousa o bem-estar do caminho diário para quantos se congregam na experiência humana.



Emmanuel - Chico Xavier
Vinha de Luz

Centro de Estudos Espíritas
"Nosso Lar"



R. Prof. Luís Silvério, 120
VI. Marieta - Campinas/SP
(19) 3032-0256



O Centro de Estudos Espíritas "Nosso Lar" convida você e sua família para estudar o Espiritismo.

Venha conhecer a Filosofia, a Ciência e a Religião Espíritas.

- Uma aula por semana
- Aulas apostiladas e dinâmicas
- Exibição de filmes (em telão) alusivos aos temas

- Auditório com ar condicionado, som e imagem digitais
- Estacionamento e segurança no local
- Material didático (opcional)
- Aulas em datashow

CURSOS GRATUITOS

ATIVIDADES PARA 2008

Cursos	Dias	Horários	Início	
1º Ano: Curso de Iniciação ao Espiritismo com aulas e projeção de filmes (em telão) alusivos aos temas. Duração 1 ano com uma aula por semana.	2ª Feira	20h00 - 21h30	11/02/2008	Aberto ao Público: Necessário Inscrição: 3032-0256 / 3386-9019 3233-5596
1º Ano: Curso de Iniciação ao Espiritismo com aulas e projeção de filmes (em telão) alusivos aos temas. Duração 1 ano com uma aula por semana.	sábado	14h00 - 15h00	16/02/2008	Aberto ao Público: Necessário Inscrição: 3032-0256 / 3386-9019 3233-5596
2º Ano	3ª Feira	20h00 - 22h00	12/02/2008	Restrito
2º Ano	Sábado	16h00 - 18h00	16/02/2008	Restrito
3º Ano	4ª Feira	20h00 - 22h00	13/02/2008	Restrito
3º Ano	Domingo	9h00 - 11h00	17/02/2008	Restrito
Parábolas Evangélicas: Estudo das Parábolas de Jesus à luz do Espiritismo. Duração: 1 ano com uma aula por semana.	5ª Feira	20h00 - 21h00	06/03/2008	Aberto ao público. Não é necessário fazer inscrição. Basta comparecer na data.
Estudos Bíblicos: Estudo da Bíblia à luz do Espiritismo com aulas e projeção (em telão) de filmes alusivos aos temas. Duração: 1 ano com uma aula por semana.	sábado	20h00 - 21h00	07/03/2008	Aberto ao público. Não é necessário fazer inscrição. Basta comparecer na data.
Atendimento ao público				
Assistência Espiritual: Passes	2ª Feira	20h00 - 20h40	ininterrupto	Aberto ao Público
Assistência Espiritual: Passes	4ª Feira	14h00 - 14h40	ininterrupto	Aberto ao Público
Assistência Espiritual: Passes	5ª Feira	20h00 - 20h40	ininterrupto	Aberto ao Público
Assistência Espiritual: Passes	Domingo	09h00 - 09h40	ininterrupto	Aberto ao Público
Evangelização da Infância: De 3 a 14 anos	Domingo	10h00 - 11h00	Fev / Nov	Aberto ao Público
Mocidade Espírita: De 15 a 23 anos	Domingo	10h00 - 11h00	ininterrupto	Aberto ao Público
Palestras	Domingo	10h00 - 11h00	ininterrupto	Aberto ao Público